

ATUAÇÃO FONOAUDIOLÓGICA JUNTO AO AMBULATORIO FDG/HCPA

Coordenador: MAIRA ROZENFELD OLCHIK

Semanalmente ocorre na zona 08 do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (HCPA) o ambulatório Fonoaudiologia Adulto Degenerativo (FDG), ligado ao serviço de neurologia. Neste ambulatório, estudantes do curso de fonoaudiologia têm a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre avaliação fonoaudiológica nas áreas de deglutição (disfagia), fala (disartria) e cognição, de pacientes oriundos do setor de Neurologia do mesmo hospital. Além disso, o ambulatório FDG também possibilita a aprendizagem de manejos voltados a reabilitação e gerenciamento fonoaudiológico de pacientes com doenças neurológicas, tais como Doença de Parkinson (DP), Acidentes Vasculares Cerebrais (AVC), Ataxias Espinocerebelares (SCA). Por perceber a necessidade comum a diferentes perfis de pacientes de trabalhar com as questões relacionadas a inteligibilidade de fala (disartria), propôs-se a um grupo de 8 pacientes (3 destes com diagnóstico de Doença de Machado-Joseph e 5 com diagnóstico de DP) uma nova possibilidade de terapia ambulatorial: a terapia em grupo. Inicialmente, realizou-se uma gravação de fala com amostras guiadas e espontâneas de todos os participantes do grupo através do programa Audacity com utilização de um microfone acoplado a um redutor de ruído. Além disso, realizou-se a aplicação do questionário Radboud Oral Inventory Motor for Parkinson's disease (ROMP) e do protocolo de Avaliação dos Distúrbios Adquiridos de Fala em Indivíduos com Doença de Parkinson (PADAF) para quantificar a auto-percepção das alterações de fala e suas repercussões cotidianas e o grau de disartria. Posterior a isso, elaborou-se um cronograma de atividades de consistia em: 4 sessões (semanais) seguidas de terapia guiada; regravação das amostras de fala guiadas e espontâneas e reaplicação do protocolo ROMP na 5ª semana; 2 sessões (quinzenais) de terapia; reaplicação dos protocolos ROMP e PADAF e regravação de fala. As quatro primeiras semanas de terapia foram segmentadas para que fossem abordados os temas a) bases motoras da fala afetadas na disartria, b) estratégias facilitadoras para minimizar os efeitos das alterações de fala, c) exercícios voltados a respiração, fonação e articulação e d) troca de vivências relacionadas à disartria. Acreditamos que essa troca de vivências e estratégias entre pacientes e graduandos, a fim de melhorar a comunicação verbal, resulte também numa melhora da auto-percepção, por parte dos pacientes, das dificuldades de fala de cada um, uma vez que perceber-se e a suas dificuldades a partir da percepção da dificuldade do outro parece trazer uma nova perceptiva

das alterações de fala nestes pacientes. Do ponto de vista dos pacientes tem sido interessante pois é uma abordagem em que os próprios pares, ou seja, os pacientes se auxiliam, sendo o terapeuta apenas um mediador. Do ponto de vista dos extensionistas, tem sido um grande aprendizado, permite uma vivência que junta o ensino e a extensão, dando mais embasamento prático.